

DESAFIOS NA PREVENÇÃO E CONTROLE DA HANSENÍASE: UMA ANÁLISE EM NOVA RUSSAS/CE

Elaine Vieira Hadad

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

elaine.hadad@aluno.unifametro.edu.br

Kauany Maria Cavalcanti Veras

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

kauany.veras01@aluno.unifametro.edu.br

Ingrid Mikaelle Silva Moreno

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ingrid.moreno@aluno.unifametro.edu.br

Gabriel Albuquerque Costa

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

gabriel.costa03@aluno.unifametro.edu.br

Lucimary Leite de Pinho

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

lucimary.pinho@aluno.unifametro.edu.br

Rodolfo de Melo Nunes

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

rodolfo.nunes@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Assistência Farmacêutica

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XI Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Introdução: A hanseníase continua sendo um desafio de saúde pública no Brasil, com taxas de prevalência persistentemente altas. **Objetivo:** O trabalho tem como objetivo definir os desafios

na prevenção e no controle da hanseníase na cidade de Nova Russas/CE baseando-se em dados epidemiológicos e considerando sexo e número de casos como principais indicadores. **Métodos:** Este estudo retrospectivo analisou notificações de casos de hanseníase em Nova Russas, CE, entre 2014 e 2018, totalizando 37 casos. **Resultados:** O ano de 2014 apresentou a maior incidência, com 37,8% dos casos, enquanto 2018 teve o menor registro, com 10,8%. Os resultados indicam a necessidade de uma vigilância epidemiológica contínua e políticas de saúde pública eficazes para combater a hanseníase. Além disso, destacam a predominância da doença em homens (89,1%), ressaltando a importância de abordagens específicas de gênero no controle da doença. **Considerações finais:** É crucial desenvolver estratégias de educação em saúde para conscientizar a população sobre a hanseníase, promovendo o diagnóstico precoce e o tratamento adequado. A capacitação constante de profissionais de saúde, especialmente em áreas endêmicas, é essencial nesse processo. Em resumo, este estudo reforça a importância de abordar a hanseníase no Brasil com medidas preventivas eficazes, diagnóstico oportuno e tratamento adequado. Também enfatiza a necessidade de pesquisas adicionais para entender as tendências epidemiológicas da doença, especialmente entre as mulheres.

Palavras-chave: Hanseníase; Epidemiologia; Prevalência.

INTRODUÇÃO

A hanseníase, antigamente chamada de Lepra, é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, descoberta por Armauer Hansen em 1873 na Noruega (Sociedade Brasileira de Dermatologia, 2017). Essa bactéria é intracelular e tem afinidade por células cutâneas e nervos periféricos, multiplicando-se lentamente em um período de 11 a 16 dias (Nascimento; Rodrigues, 2010).

A doença se caracteriza por lesões cutâneas, comprometimento dos nervos periféricos e pode ser diagnosticada por baciloscopia positiva para o bacilo de Hansen (Ministério da Saúde, 2002). Existem duas formas clínicas principais: a paucibacilar (PB), com até cinco lesões de pele, e a multibacilar (MB), com mais de cinco lesões (Ministério da Saúde, 2010). As formas paucibacilares incluem indeterminada e tuberculóide, enquanto as multibacilares abrangem virchowianas e dimorfas (Pereira; Brito; Nascimento, 2012).

A transmissão da hanseníase está ligada a fatores socioeconômicos, como estado nutricional e condições de moradia. Cerca de 90% das pessoas têm defesa natural contra o *M. leprae*, e a transmissão ocorre por contato próximo e prolongado com pacientes multibacilares não tratados, através de gotículas de saliva ou secreções nasais (Queiroz; Puntel, 1997).

No Brasil, os primeiros casos datam de 1600, no Rio de Janeiro, mas medidas eficazes

de combate à doença só foram adotadas a partir do século XVIII, incluindo a construção de leprosários e assistência precária aos doentes (Santos; Faria; Menezes, 2008). Hoje, a hanseníase ainda é um problema de saúde pública, especialmente nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, com o Brasil sendo o segundo país com mais casos no mundo, atrás apenas da Índia (Costa; Borba-Pinheiro; Reis, 2017).

Entre 2012 e 2016, foram notificados 25.218 novos casos no país, com uma taxa de detecção de 12,2 por 100.000 habitantes (Ministério da Saúde, 2018). A região nordeste apresenta um alto coeficiente de detecção, com destaque para o Ceará, que teve 2.069 novos casos em 2013, com um coeficiente de detecção de 24 por 100.000 habitantes (Brito; Monteiro; Ramos Junior, 2016).

O Ministério da Saúde, através da municipalização do sistema de saúde, transferiu responsabilidades às prefeituras municipais. Municípios de médio porte, como Nova Russas, têm aumentado sua complexidade na prestação de serviços de saúde (Rio de Janeiro, 2001).

O objetivo deste estudo é analisar o perfil epidemiológico da hanseníase em Nova Russas de 2014 a 2018, considerando fatores sexo e número de casos como principais indicadores. Ressalta-se a necessidade de melhorar as medidas de saúde pública relacionadas à hanseníase, incluindo conscientização, diagnóstico precoce e tratamento adequado.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo teve uma abordagem quantitativa e descritiva, centrando-se na epidemiologia da hanseníase em Nova Russas, CE, no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2018. Foi uma pesquisa retrospectiva que utilizou dados secundários de domínio público, obtidos através do Sistema de Informações de Agravos e Notificações (SINAN). O estudo concentrou-se no município de Nova Russas, localizado no estado do Ceará, caracterizado por um clima tropical quente semiárido. A população-alvo incluiu todos os casos notificados de hanseníase nesse município durante os cinco anos de análise, com variáveis de interesse abrangendo o mês de notificação, faixa etária, sexo, forma operacional e forma clínica da doença. A coleta de dados se deu por meio das fichas de notificação preenchidas nas Unidades Básicas de Saúde locais, encaminhadas posteriormente à Vigilância Epidemiológica e à Secretaria de Saúde de Nova Russas. A escolha do período de estudo seguiu a recomendação de um intervalo mínimo de cinco a sete anos para avaliação do perfil epidemiológico de uma doença compulsória em uma área específica (Barata, 2012).

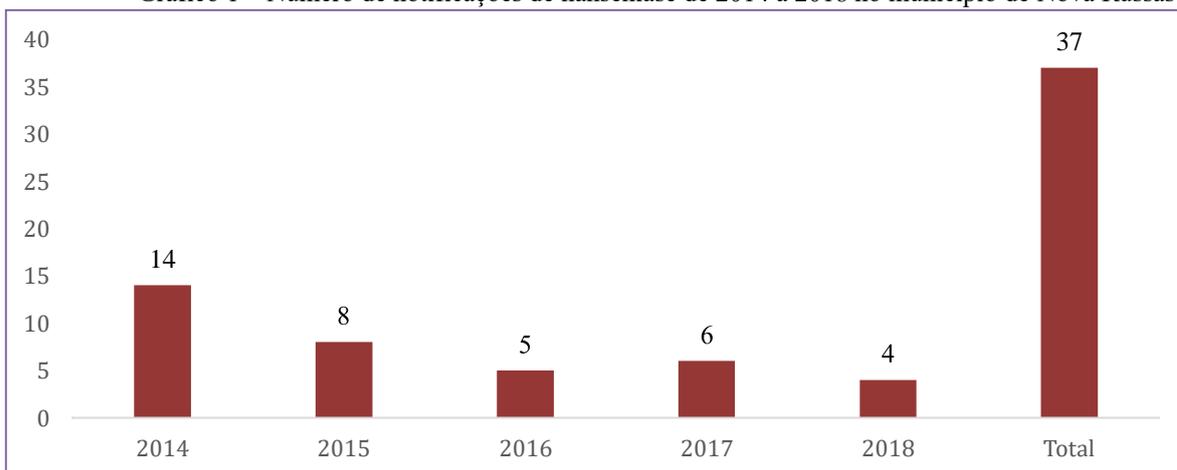
A pesquisa foi conduzida de acordo com princípios éticos, como autonomia, beneficência e não maleficência, em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os dados coletados foram analisados e apresentados utilizando o Microsoft Excel®, com a criação de gráficos para facilitar a visualização dos resultados. Além disso, a pesquisa foi fundamentada em revisões de literatura sobre a hanseníase, visando aprofundar o conhecimento sobre o tema e enriquecer a análise epidemiológica realizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme as etiologias da doença e os anos, foram notificados 37 (100%) casos de doenças em cinco anos, apresentando o ano de 2014 o maior número de casos, com 14 (37,8%) casos. Já o ano de 2018 foi onde houve o menor número de casos, apresentando 4 (10,8%) casos, conforme o Gráfico 1.

Dados correlativos foram identificados por Ribeiro (2018) num estudo epidemiológico de hanseníase no Brasil, onde observou-se que entre os anos de 2008 e 2015 houve uma redução no coeficiente de prevalência de hanseníase de 1,48/10.000 habitantes para 1,01/10.000 habitantes. Todavia, vale ressaltar que nestes casos estudos mais aprofundados devem ser realizados, pois a redução pode ser fruto de subnotificação ou manejo errado de dados.

Gráfico 1 – Número de notificações de hanseníase de 2014 a 2018 no município de Nova Russas



Fonte: autoria própria.

De acordo com Ribeiro (2018), o número de casos novos detectados em uma área pode ser influenciado pela realização de ações educativas, cobertura populacional das ações de controle da doença e a competência dos profissionais de saúde para realizarem o diagnóstico exato e precoce.

No Gráfico 2, os casos de hanseníase no período analisado foram divididos segundo o sexo do paciente. Verificou-se que em todos os anos, a maior prevalência foi de indivíduos do sexo masculino. Compilando todos os anos, das 37 (100%) ocorrências, 33 (89,1%) eram do

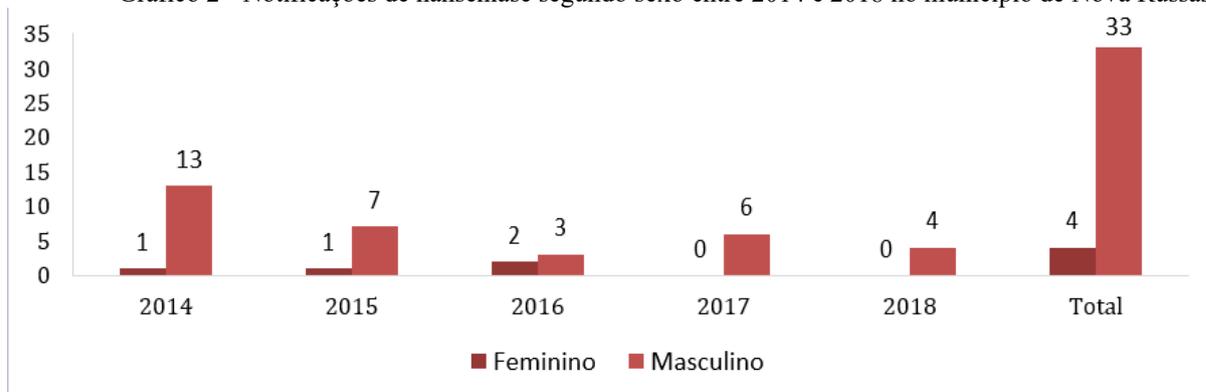
sexo masculino e 4 (10,9%) do sexo feminino.

Se considerarmos em relação as porcentagens nos anos de 2017 e 2018, 100% dos casos foram do sexo masculino, ou seja, apresentaram maior porcentagem. Já em 2014, apesar de apresentar maior número de casos absolutos, 92,85% dos casos eram do sexo masculino.

Em 2016, houve o menor número de casos de indivíduos do sexo masculino. Tal resultado assemelha-se ao que foi constatado por Campos; Batista; Guerreiro (2018), evidenciando o maior predomínio da doença no sexo masculino, uma vez que o fator preditor para o diagnóstico nessa parcela da população é mais tardio em função ao estigma que a doença provoca.

No entanto, em alguns estudos, demonstra-se um aumento do número de casos em mulheres. Isso pode ocorrer em virtude da maior detecção da doença nesse sexo visto que as mulheres procuram por serviços de saúde com maior frequência quando comparadas ao sexo masculino e demonstram maior preocupação com a imagem, percebendo, precocemente, as lesões de pele (Brito, 2016).

Gráfico 2 - Notificações de hanseníase segundo sexo entre 2014 e 2018 no município de Nova Russas



Fonte: autoria própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo epidemiológico da hanseníase em Nova Russas, CE, de 2014 a 2018, revelou variações no número de casos ao longo desses anos, destacando-se um maior número de notificações em 2014 e uma redução em 2018. Essa dinâmica é consistente com as tendências observadas em estudos anteriores.

A análise por sexo demonstrou que a hanseníase continua a afetar predominantemente o sexo masculino na região, refletindo possíveis atrasos no diagnóstico devido ao estigma associado à doença.

No entanto, a pesquisa também apontou para a necessidade de investigações mais aprofundadas e estratégias de conscientização e diagnóstico precoce, especialmente em relação

às tendências epidemiológicas da hanseníase nas mulheres, que podem estar sujeitas a fatores que afetam a busca por cuidados de saúde.

Em resumo, os resultados deste estudo enfatizam a importância contínua da vigilância epidemiológica e de políticas de saúde pública direcionadas para o controle da hanseníase, visando uma detecção precoce, tratamento adequado e redução do estigma associado a essa doença.

REFERÊNCIAS

BRITO, A.; MONTEIRO, L.; RAMOS, J. Tendência temporal da hanseníase em uma capital do Nordeste do Brasil: epidemiologia e análise por pontos de inflexão, 2001 a 2012. **Saúde e Sociedade**, Fortaleza, p.1-10, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2016000100194. Acesso em: 15 abr. 2020.

COSTA, L.; BORBA, P. Cláudio J.; REIS, J. Análise epidemiológica da hanseníase na Microrregião de Tucuruí. Amazônia Brasileira com maior percentual de incapacidade física e de casos entre jovens. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**. v. 8, n. 3, p. 9-17, 2017. Disponível em: <http://revista.iec.gov.br/submit/index.php/rpas/article/view/374/275>. Acesso em: 15 abr. 2020.

NASCIMENTO, M. O Lacen e a importância dos dados laboratoriais de baciloscopias para confirmação do diagnóstico: classificação de casos, acompanhamento e alta do paciente com hanseníase. **Revista Intersaberes**, Curitiba, p.1-28, 2010. Disponível em: www.uninter.com.br/revista/article/download. Acesso em: 15 abr. 2020.

PEREIRA, D.; BRITO, L. Estudo da prevalência das formas clínicas: da hanseníase na cidade de Anápolis-GO. **Ensaio e Ciências**, v. 16, n. 1, p.1-13, 2012. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/index.php/ensaioeciencia/article/view/2817>. Acesso em: 15 abr. 2020.

QUEIROZ, M.; PUNTEL, M. A Endemia Hansênica: Uma perspectiva multidisciplinar. **Saúde e Sociedade**, Rio de Janeiro, p.1-118, 1997. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/endemia-hansenica-uma-perspectiva-multidisciplinar>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **Hanseníase**. [Rio de Janeiro], 2017. [ONLINE]. Disponível em: <https://www.sbd.org.br/dermatologia/pele/doencas-e-problemas/hansenise/9/>. Acesso em: 16 abr. 2020.